

Como antecipar os efeitos de uma tecnologia? Um modelo exploratório inspirado na Nova Ciência de McLuhan e aplicado ao Facebook

Vinícius Andrade Pereira

Doutor; Universidade Estadual do Rio de Janeiro
vinianp@gmail.com

Resumo

O artigo tem como objetivo principal identificar os principais efeitos dos sites de redes sociais (SRS) na cultura contemporânea, tendo como objeto específico o Facebook. Como referência teórica e metodológica adota-se uma proposição exploratória fortemente inspirada em uma “Nova Ciência”, tal como aventada por McLuhan. Isso implica a Lei dos Meios, sintetizada nas Tétrades. Como resultados o estudo propõe um conjunto de efeitos do Facebook na cultura contemporânea, que já podem ser identificados e mapeados e que se constituem como novos pontos e questões para futuras pesquisas. Ainda, apresenta um método de pesquisa que propõe o diálogo com disciplinas correlatas ao campo da comunicação, assim como uma metodologia flexível, capaz de lidar com descrições em profundidade de um objeto, ao mesmo tempo que acolher acasos e desvios de um procedimento científico ortodoxo, tal como preconizado por Feyerabend. Por fim, o estudo recupera uma parte importante da obra de McLuhan, ainda pouco explorada nos estudos comunacionais no Brasil.

Palavras-chave

Nova ciência. Leis das mídias. Tétrades. Facebook.

1 Introdução

A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico.
P. Feyerabend

A cultura digital, como qualquer outra cultura, demanda algum tempo para que possa ser apreciada de modo mais claro, tanto nos seus contornos quanto nos seus efeitos sobre as

peças e as sociedades. Do final dos anos 90 aos dias atuais vários acontecimentos ajudaram a conformar a cultura digital e a relevância desses acontecimentos pode ser reconhecida, dentre outros aspectos, pelo número de pessoas que envolvem, pelas práticas e comportamentos que influenciam, ou pelos valores simbólicos e/ou econômicos que movimentam. Sites de redes sociais como o Youtube, o Twitter, o Orkut, ou o Facebook (FB) são tecnologias representativas desse tipo de acontecimento e, alguns deles, como FB - com mais de 10 anos de existência e amplamente disseminado - já permitiriam reflexões mais distanciadas acerca de algumas das suas características e modos de funcionamento, mas não, necessariamente, dos seus efeitos mais profundos na cultura contemporânea.

Os efeitos de uma tecnologia sobre a sociedade podem levar muito mais do que uma década para serem percebidos de modo claro e pleno. Por exemplo, é provável que uma parcela muito pequena dos mais de um bilhão de usuários do FB reconheça, minimamente, as restrições que o site de redes sociais impõe a todos os seus usuários, no que toca às dinâmicas de distribuição (ou entrega) de mensagens, o *alcance orgânico* da mensagem. Isso pode ser observado, facilmente, pela quantidade de pessoas que reclamam de colegas que, supostamente, estariam convidando-as para jogar um dado jogo, dentro do FB. Tais pessoas desconhecem que não se trata de um convite feito por este ou aquele “amigo”, mas de algoritmos que, por meio de um complexo processo, aproxima o amigo “x” do amigo “y” em um “convite”, na aposta de que, pelas afinidades que apresentam ambos, o resultado buscado (aumentar o número de adeptos do tal jogo) possa ser atingido.

A proposta deste artigo é apresentar os primeiros passos de um procedimento exploratório que busca conhecer e antecipar possíveis efeitos das tecnologias na cultura contemporânea. Este procedimento inspira-se, diretamente, na ideia de uma *Nova Ciência*, tal como proposta por Marshall McLuhan na sua obra póstuma *Laws of media: a new science* (MCLUHAN; MCLUHAN, 1988). Inspira-se, ainda, indiretamente, em Paul Feyerabend, particularmente no seu *Contra o método*, que aponta a diversidade de procedimentos e mesmo resultados que se apresenta em diferentes experimentos, ainda que sigam um mesmo e rigoroso método científico, apostando que o desenvolvimento científico é, na verdade, um tanto anárquico e algo irracional (FEYERABEND, 2011). E a tecnologia a ser explorada com tal procedimento metodológico será o FB, considerando a enorme relevância que tomou na vida de tantas pessoas ao redor do mundo.

Por fim, ao recorrer às Leis dos Meios e às tétrades como parte da estratégia de exploração do objeto FB busca-se, ao mesmo tempo que lançar luz sobre um acontecimento midi-

ático fundamental da cultura contemporânea, resgatar um momento da obra de McLuhan ainda pouco debatido, apostando que ali se pode encontrar uma perspectiva original e fecunda para a investigação de objetos tecnológicos e midiáticos, especialmente no que toca aos seus efeitos.

2 Leis dos meios e tétrades

Oito anos após a morte de Marshall McLuhan é publicado o livro *Laws of media: the new science*. Neste livro, que teve a colaboração do seu filho, Eric McLuhan, são apresentadas reflexões fundamentais para se entender a obra de Marshall McLuhan como um todo.

Como parte do contexto para se entender o conteúdo do livro, vale lembrar que, escrito e compilado (neste caso, com a oportuna colaboração do seu filho, Eric McLuhan) nos seus últimos anos de vida, McLuhan parece querer, por um lado, dar uma resposta aos seus críticos, sistematizando todo o seu pensamento de modo mais “científico”. Isto significa uma modulação do seu estilo, deixando os jogos de palavras algo paradoxal, como trocadilhos e tantas outras equívocas semânticas, típicas das suas falas e escritos. Significa, ainda, um esforço mais explícito para detalhar algumas ideias de modo mais didático e sistemático, retomando pontos importantes das suas reflexões ao longo de toda a sua carreira.

Por outro lado, na mesma obra, apresenta uma crítica ao mesmo mundo científico ao qual parece buscar se adequar em termos estilístico, ao apostar em fronteiras mais fluídas entre os diferentes campos de conhecimento. Isso se dá com o reconhecimento de que todos os objetos e artefatos humanos podem ser tomados como meios, em suas naturezas fundamentalmente verbais, isto é, metafóricas.

Ao compreender os artefatos humanos como meios e estes como estruturas verbais metafóricas, McLuhan suspende um conjunto de antinomias típicas, ainda hoje vigentes nas demarcações epistemológicas e seus distintos campos de estudos, apostando em um modelo de ciência ampla¹, capaz de lidar com objetos distintos, porque todos refletiriam a mesma condição artificial:

Não faz diferença alguma se alguém considera como artefatos ou como mídias coisas de uma natureza física tangível como tigelas e porretes ou garfos e colheres, ou ferramentas, aparelhos, motores, ferrovias, espaçonaves, rádios, computadores e assim por diante; ou coisas de uma natureza intangível tais como teorias ou leis da ciência, sistemas filosóficos, remédios ou

¹ No livro em questão, McLuhan cita dois autores que no passado também reivindicaram renovações das ciências, no caso Giambattista Vico, com a sua *Scienza Nuova* e Francis Bacon, com o seu *Novum Organum*. Por motivos de limites editoriais, estes autores e suas propostas de “ciências” não serão abordados no presente texto.

até mesmo as doenças da Medicina, formas ou estilos de pintura ou poesia, ou drama, ou música e assim por diante. Todos são igualmente artefatos, todos igualmente humanos, todos igualmente suscetíveis à análise, todos igualmente verbais em termos de estrutura [...]. Dessa forma, as distinções usuais entre coisas e ideias das artes e das ciências, entre física e metafísica, estão dissolvidas. (MCLUHAN; MCLUHAN, 1988, p. 3, tradução nossa).

Mas, o que seriam, exatamente, essas funções metafóricas que a estrutura verbal de todos os objetos apresenta, que autorizariam que todos os artefatos possam ser tomados como meios? O que McLuhan parece querer com tal afirmação é propor a ideia de que as tecnologias funcionam como sistemas que ao mesmo tempo em que intervêm no mundo, o representa. Ou seja, ao intervir no mundo, uma tecnologia está, também, falando e traduzindo este mesmo mundo. Assim, por exemplo, um carro, ao mesmo tempo que serve para o deslocamento entre dois pontos distantes, de modo rápido e confortável, “falando” da capacidade que o humano tem de se deslocar por grandes distâncias, “fala” também de outros mundos, como as condições socioeconômicas das pessoas que viajam no seu interior, “fala” de uma cultura-carro, na qual compõem elementos como o subúrbio, a liberdade, mecânicas e postos de gasolina etc. Ou seja, o artefato, de modo simbólico, traduz o mundo para outras pessoas, atuando como um meio, assim como intervém de modo material sobre o mundo – transportando pessoas e cargas, aquecendo e poluindo o ar atmosférico, envolvendo-se, eventualmente, em colisões, funcionando como motel ou casa etc.

A partir dessa identificação dos artefatos aos meios, mediante suas estruturas verbais comuns, McLuhan sugere que todos os objetos, ideias e constructos humanos, obedeceriam a um mesmo conjunto de leis semânticas, às quais chama de Leis dos Meios (*Laws of media*, no original, em inglês). Tais leis se enquadram como leis semânticas por revelarem significações do objeto explorado, a partir de quatro sentidos básicos, contidos nas funções representacionais de toda metáfora. Se uma metáfora se apresenta como uma espécie de articulação, ou transposição, entre uma coisa e outra, a fim de ampliar os sentidos de uma delas, isso se dá através de um jogo comparativo entre essas duas coisas. Assim, por exemplo, se alguém perguntar “o que é um gorila?” E um outro alguém responder “É uma espécie de humano, mais peludo, mais forte, com os membros superiores maiores, incapaz de falar, desprovido de racionalidade...”, tem-se em jogo uma articulação/transposição entre o gorila e o humano, de modo a compará-los e a destacar certos atributos, analisados em termos de valores (mais pelos, mais força, menos comprimento dos membros, etc) e de singularidades (o que há de específico em cada um deles: força física, linguagem verbal, racionalidade etc).

É assim que McLuhan propõe as Leis dos Meios, como sentidos fundamentais que todo exercício metafórico é capaz de revelar e que é inerente à condição verbal das tecnologias.

As Leis dos Meios se apresentariam na forma de questões que devem ser dirigidas à tecnologia que se queira melhor apreender, e que seriam as seguintes:

- a) o que um(a) meio/tecnologia incrementa ou potencializa?
- b) o que um(a) meio/tecnologia torna obsoleto?
- c) o que um(a) meio/tecnologia recupera?
- d) o que um(a) meio/tecnologia reverte, quando levado(a) ao extremo?

Observa-se o caráter metafórico que cada uma das questões revela, ao requerer sempre um ou mais objetos, ideia ou tecnologia, para que os sentidos do objeto que se queira apreender melhor se revelem. Tais sentidos não seriam tão evidentes, uma vez que as tecnologias se conformam no dia a dia e a partir das percepções de todos, como um ambiente difuso e integrado aos espaços e atividades de toda e qualquer cultura. Tais sentidos não seriam percebidos, ainda, porque na maioria das vezes se revelam como efeitos sobre uma dada cultura.

As Leis dos Meios advogam, portanto, com o fato de que toda tecnologia, quando se afirma em uma cultura, promove, ao mesmo tempo: um **incremento** de alguma outra tecnologia ou coisa; a **reversão** (o oposto) de alguma tecnologia ou coisa; uma **obsolescência** de alguma outra tecnologia ou coisa; o **resgate** de alguma outra tecnologia ou coisa. Ao conjunto de perguntas das Leis dos Meios, McLuhan propôs o termo tétrades (*tetrads*, no original) (MCLUHAN; MCLUHAN, 1988).

Para cada uma das questões propostas pelas Leis dos Meios haverá um conjunto de respostas possíveis e o exercício que as tétrades propõem é responder a cada uma das questões não acreditando que com isso se possa exaurir os sentidos para os quais as questões apontam. Ao contrário, deve-se tomar as repostas dadas como proposições de percursos investigativos, através dos quais se poderá apreender melhor o objeto em estudo, especialmente seus efeitos. Ou seja, as respostas dadas, antes de fecharem os sentidos da indagação, indicarão caminhos plausíveis para explorar aquilo que se queira melhor conhecer. Neste sentido, o exercício das tétrades está muito mais relacionado às artes, tal como McLuhan as entendia – como um modo de antecipar e treinar as pessoas em experiências e vivências futuras –, do que como um rigoroso método científico. Ou seja, como um exercício que modula a percepção para aspectos não observados cotidianamente dentro do ambiente em que se

está imerso. Contudo, para a proposta exploratória que se apresenta, propõe-se que antes de se lançar às dinâmicas das tétrades, uma etapa anterior da investigação tente apreender o objeto tecnológico no que toca às suas características, dinâmicas e lógica de funcionamento. Esta etapa deve ser empreendida a partir da coleta do maior volume de dados possível sobre o objeto a ser investigado, mas, considerando os limites editoriais impostos ao presente artigo, apenas alguns dos muitos elementos constitutivos da lógica de funcionamento do FB poderão ser abordados.

3 Facebook

Todos sabem o que é o FB. Tecnicamente, é um *site* de rede social que permite que qualquer pessoa (acima de 13 anos) que nele se registre possa ter um perfil pessoal com o qual poderá adicionar outros usuários como amigos e, a partir disso, trocar mensagens em diferentes formatos – textos, fotos, vídeos, etc. Lançado pela empresa *Facebook Inc.* no dia 04 de fevereiro de 2004, o nome do *site* faz referência ao livro de registros oferecido aos alunos nos EUA no começo de cada ano letivo, para que possam se conhecer mais facilmente. Hoje, o FB domina o mercado de *sites* congêneres em quase todo o mundo, como se verifica nos números que apresenta.

3.1 Facebook em números

Os números (FACEBOOK, c2015) do FB que são revelados pela própria empresa já demonstra a dimensão da sua relevância na cultura contemporânea:

- a) 1,32 bilhão de usuários ativos acessam o *site* pelo menos uma vez ao mês;
- b) em 2013, o faturamento do FB foi de US\$ 7,9 bilhões, com lucro líquido de US\$ 1,5 bilhão. No primeiro semestre de 2014, o faturamento do *site* havia crescido 61% em relação ao mesmo período do ano anterior (2013), com uma receita total de 2,91 bilhões de dólares, até o dia 30 de junho de 2014;
- c) no Brasil, o FB superou o Orkut no que toca ao número de usuários, que até 2011 era o *site* de redes sociais preferido no país. Hoje há quase 100 milhões de brasileiros conectados no *site* e o número continua crescendo. Das quase 40 horas conectadas por mês, os brasileiros dedicam 45% aos *sites* de redes sociais, com o FB liderando a preferência nacional (COMSCORE, [2012]).

3.2 Facebook como fluxo narrativo

A perspectiva que se desenha com o presente estudo propõe tomar o FB como um fluxo narrativo no qual comparecem inúmeras mensagens e histórias capazes de afetar, de diferentes maneiras, todos aqueles que participam deste mesmo fluxo. A ideia é que mensagens postadas na forma de notícias, comentários, vídeos, fotografias, links diversos, dentre outras, formam um amplo conjunto de diferentes narrativas – ficcionais, não ficcionais, relacionais, afetivas, mercadológicas, etc – a partir do qual significados múltiplos são formados.

Trata-se, assim, de um caudaloso e polifônico fluxo de mensagens/vozes que emerge em um espaço discursivo específico – a *timeline*² do usuário do *site* –, no qual outras mensagens/vozes comparecem em resposta e em associação às primeiras, complexificando ainda mais a rede comunicativa que se estabelece, em um movimento contínuo e assíncrono.

3.3 A lógica de distribuição de mensagens/posts nas *timelines* do Facebook

Um dos aspectos mais intrigantes do FB diz respeito à lógica de distribuição de *posts* ou de mensagens na *timeline* ou no *feed de notícias* de cada usuário do *site*. Este problema deve ser entendido como um questionamento acerca de quais critérios o FB elege para fazer com que as mensagens de diferentes usuários sejam vistas nas diferentes *timelines* de outros usuários.

Conforme dados do próprio FB (KACHOLIA; JI, 2013), uma pessoa tem, potencialmente, algo em torno de 1.500 *posts* diários para aparecerem na sua *timeline*. Dos 1.500 *posts* potenciais, o FB entrega, efetivamente, cerca de 1/5 destes. Ou seja, entrega algo em torno de 300 *posts*, dispensando cerca de 1.200. Esta seleção é necessária, do contrário o número de mensagens inflacionaria as *timelines* e a relevância da rede, bem como a experiência comunicacional e social, se perderia.

Durante algum tempo os algoritmos que orientavam a distribuição de mensagens entre os usuários do FB consideravam as seguintes variáveis:

- a) *afinidade (affinity)* - quão próximo era o autor do conteúdo postado (a mensagem) do dono da *timeline*;

² *Timeline*, *News feed*, ou *Feed de Notícias* é o espaço central na interface do FB no qual as múltiplas vozes comparecem para um dado usuário. A forma como as mensagens comparecem na *timeline* obedece a uma lógica regida por algoritmos que operam a partir de um complexo conjunto de variáveis, tal como será demonstrado.

- b) *peso (weight)* - que tipo de ação o dono da *timeline* tomava diante do *post* que apareceu. Isto é, curtiu, comentou, compartilhou ou ignorou a mensagem. A ideia aqui é dar pesos distintos para cada uma das ações, frente ao *post* que comparece na *timeline*, nas quais compartilhar teria mais peso, comentar viria em segundo lugar e curtir em terceiro.
- c) *temporalidade (time decay)* - quão atual ou recente é o *post* (MCGEE, 2013).

Tais variáveis constituíam o *EdgeRank*, termo criado pelos engenheiros do FB para descrever a lógica que orienta o modo como os diferentes posts são distribuídos. Tal lógica, entendida como “orgânica”, significa, em síntese, uma *timeline* mais personalizada e afinada com aquilo que o usuário mais valoriza em termos de conteúdo e de pessoas (ou perfis) com as quais gostaria de estar em contato mais frequente.

Eficiente por um tempo, há cerca de cinco anos o *EdgeRank* deixou de ser a referência fundamental dos algoritmos que distribuem os *posts* nas *timelines*. Não que as variáveis afinidade, peso e temporalidade não sejam mais válidas, mas, dada a complexidade que o FB ganhou – o que significa, dentre outros aspectos, um incremento do número de usuários, assim como de anunciantes e de perfis corporativos que usam e querem se comunicar no *site* – tais variáveis precisaram ser refinadas e hoje estima-se que há perto de 100.000 elementos que entram em análise no processo de atuação dos algoritmos de distribuição de mensagens.

O FB não está interessado em divulgar e protege como pode a lógica do atual modelo de distribuição de *posts*, mas algumas orientações se tornaram conhecidas, seja pela observação atenta de como vêm funcionando as *timelines* de diferentes perfis, seja através de algumas notícias que o próprio FB libera na mídia especializada. A seguir, algumas orientações que são tomadas como referências pelos algoritmos do FB são apresentadas.

3.3.1 Variáveis multifacetadas e comportamento global

Um primeiro aspecto a ser considerado é que as variáveis iniciais que compunham o *EdgeRank* agora são multifacetadas. Ou seja, há uma infinidade de níveis para se ler a variável “afinidade”, ou “peso”, por exemplo. Com isso fica claro que o que determina o conteúdo das *timelines* agora não depende apenas do comportamento individual de um dado usuário, mas de padrões de comportamentos mais amplos, no que toca à recepção e à valorização de certas mensagens postadas em diferentes *timelines*. Por exemplo, se um determinado *post* é

mostrado para 100 pessoas e há baixa receptividade e interação com este, é possível que ele não seja mostrado para outras pessoas, mesmo que isso significasse, pelas variáveis “afinidade” e “peso”, relevância para estas outras pessoas. Neste caso, os algoritmos estão sendo guiados por uma análise de informações de comportamentos globais de outros usuários, em detrimento do comportamento individual de um dado usuário, mesmo se tratando da *timeline* deste usuário específico.

3.3.2 Posts duplicados

O modo de funcionamento dos algoritmos destacado no item anterior se aplica aqui também. Um *post* pode retornar ao início da *timeline* de um usuário na qual já fora exposto, se ele for muito comentado, curtido e/ou compartilhado pelos amigos deste usuário. Ou seja, se uma mensagem que apareceu na *timeline* de uma pessoa foi ignorada por esta, mas, muitos dos amigos desta pessoa interagiram com a mensagem, este *post* receberá uma segunda chance de ser lido, reaparecendo no início da *timeline* em questão.

3.3.3 Timelines personalizadas

Um outro aspecto que deve ser considerado é se há alguma indicação por parte do usuário quanto ao modo como este quer se relacionar com determinada pessoa ou página no FB, dando um aspecto mais personalizado à sua *timeline*. Ou seja, informações de como o usuário marca certas mensagens ou perfis, indicando que quer “receber notificações”, ou que “não quer ver isso”, serão somadas ao conjunto de outros dados coletados para estabelecer o que deve ou não comparecer dentre as mensagens potenciais diárias na *timeline*.³

3.3.4 Enfraquecimento das interações/indicações

Do mesmo modo, as interações que o usuário fizer com diferentes *posts* serão indicações do que pode interessá-lo, mas essas mesmas referências tendem a se enfraquecer, depois de cerca de 50 outras interações que este mesmo usuário fizer. Ou seja, as interações funcionam como indicações durante um tempo e depois são “enfraquecidas”, dando lugar a um novo conjunto de interações/indicações.

³ Atualmente isso pode ser feito através da pequena seta que fica à direita de cada *post* que aparece na *timeline*.

3.3.5 Perfil tecnológico

Aspectos tecnológicos também são levados em conta pelos algoritmos do FB, na composição da lógica de disposição de *posts* nas *timelines*. Isso significa que o tipo de tecnologia/dispositivo que é usado para acessar o *site* – pc, laptop, tablet, celular – é detectado e considerado, assim como a qualidade da conexão à internet, e mesmo o nível de bateria do aparelho celular, sendo lidos pelos algoritmos como uma espécie de *condição tecnológica* do usuário, priorizando, assim, certos modelos de posts em detrimento de outros. Por exemplo, mensagens escritas ao invés de vídeos, para um acesso feito através de um celular, no qual a qualidade da conexão não seja satisfatória.

3.3.6 Censura

Um outro aspecto importante que vale a pena considerar quando se tenta apreender os componentes materiais e imateriais que formam a torrente narrativa que é o FB seriam as formas de censura que o site impõem aos seus usuários, excluindo perfis ou páginas que julga não condizente com os seus princípios. Exemplos relativamente recentes foram as retiradas do FB da página brasileira “Operation World Cup”, no dia 28 de janeiro de 2014 – uma página que convocava pessoas para manifestações contra a Copa do Mundo e que contava com 16.000 fãs (CAMBRICOLI, 2014). E uma série de páginas que se manifestavam contra o governo de Bashar Assad, na Síria (AGUILHAR, 2014).

O que tal dinâmica revela é a exclusão de determinados atores do fluxo narrativo, a partir do poder de decisão dos gestores do *site*. Este tipo de ação, apesar de não se inscrever na forma de algoritmos, incide diretamente sobre a lógica narrativa do FB, modulando os conteúdos no que toca à seleção dos temas das mensagens e dos seus atores principais.

3.3.7 Lucros

A dimensão comercial do FB precisa, junto a todos os outros fatores considerados, ser lembrada aqui para que se compreenda melhor as modulações do fluxo narrativo do FB. O ponto a ser observado é que o FB é uma empresa que, desde 2013, tem seu capital aberto na *National Association of Securities Dealers Automated Quotations* (NASDAQ). Isso significa que visa a lucros, tendo como principal fonte de renda a publicidade. Contudo, como outros espaços dentro da *web*, o FB cria seus próprios modos de negociar as oportunidades para um anunciante estar em contato com os seus públicos.

Mensagens publicitárias no FB aparecem, basicamente, através de dois modelos: *banners* laterais, à direita, e nas *timelines* dos usuários e, ainda, através de *posts* de páginas de empresas que, se “curtidas”, passavam a disputar um espaço nos *feeds* de notícias, como uma outra voz qualquer. Assim, *posts* corporativos podiam participar do fluxo narrativo no FB como os demais. Isto é, submetidos ao conjunto de referências e variáveis que orientam os algoritmos na sua lógica de distribuição de mensagens nas *timelines*. Contudo, em meados de 2013, o FB mudou esse procedimento, restringindo o alcance das mensagens mercadológicas, apostando em uma revalorização dos aspectos orgânicos (relevantes) das mensagens, ainda que dentro do vasto conjunto de referências que orientam os algoritmos. Isso significou uma mudança importante no que toca às participações das empresas como vozes dentro do fluxo narrativo do FB, implicando em pagamento para que possam ter mais chances de comparecerem nas *timelines* dos seus públicos.⁴

O intuito aqui ao apresentar algumas das variáveis em ação na lógica de distribuição de mensagens no FB foi apenas o de chamar a atenção para a enormidade de dados que são rastreados e utilizados. Com isso quer-se chamar atenção para a necessidade de conhecimentos e ferramentas que possam, do mesmo modo, dar conta de gigantescos volumes de dados, que permitam quantificações e estatísticas capazes de lançar luz sobre a dinâmica em questão. Quer-se, ainda, propor a necessidade de um conhecimento objetivo e, sempre que possível, quantificável, como parte do procedimento exploratório de uma dada tecnologia.

A seguir, serão pensados alguns efeitos do FB na cultura contemporânea, recorrendo às Leis dos Meios e às tétrades, tal como enunciado.

4. O Facebook compreendido a partir das tétrades

Aplicando as questões fundamentais das Leis dos Meios ao FB, desenha-se um conjunto de caminhos investigativos a serem trilhados que podem ser compreendidos através do seguinte conjunto de perguntas:

4.1 O que o Facebook incrementa ou potencializa?

Pode-se dizer que o FB incrementa uma série de ações sociais relacionadas à observação do outro e à vigilância. Não apenas as marcas e empresas estão interessadas nesses da-

⁴ Isso ocorre, mais ou menos, no mesmo momento em que o FB passou a orientar as empresas a não mais fazerem “perfis”, como de qualquer usuário, mas, “páginas”.

dos, mas governos e partidos políticos também. E mesmo cidadãos comuns valorizam essa dimensão “vigilante” em relação ao outro, buscando dar uma olhada nos perfis daqueles que os interessa por algum motivo. Esse processo, inclusive, vem ganhando força junto a empresas de recrutamento e seleção de profissionais.

O FB incrementa e potencializa, ainda, formas de comunicação como a escrita, a fotografia e a ideia de autonomia do polo emissor de conteúdo, no que toca às dinâmicas midiáticas hodiernas.

4.2 O que o Facebook reverte, quando levado ao extremo?

O FB, ao se propor trazer para dentro do *site* de redes sociais todo um conjunto de serviços, de bancos a vendas diretas, buscando ampliar cada vez mais as ofertas de serviços, seguindo este caminho ao extremo poderá se tornar sinônimo de *internet*, perdendo a especificidade como rede social restrita a um conjunto de pessoas específicas. Assim, um dos efeitos possíveis do FB na cultura contemporânea poderá ser a reversão do sentido de rede social restrita a um conjunto de pessoas próximas, tal como surgiu, em um sentido de rede ampla e complexa, tornando-se praticamente uma espécie de duplicação da *web*. Nesse sentido, deixaria de ser visto como um *site* de redes sociais, para ser visto como uma rede de conexão de computadores, como o é a própria *internet*.

Uma outra possibilidade a ser explorada seria a de que o FB, quando bastante familiar a todos, particularmente na sua lógica restritiva de entrega de mensagens, seria abandonado em favor de outras propostas de *sites* de redes sociais, com lógica de entrega de mensagens, de apropriação dos dados e dos conteúdos de cada usuário mais transparentes e democráticas e, ainda, livre de publicidade. Neste caso, alternativas que já despontam no horizonte são as redes sociais federadas, onde se destaca, aqui no Brasil, a Diáspora (2013). Uma outra proposta que vem ganhando bastante adesão é o Ello (2015), que basicamente seria um *site* de rede social sem venda dos dados dos assinantes e sem publicidade. Ainda, a migração para um outro *site* de redes sociais poderá se dar por motivos mais banais, como a busca de redes sociais mais reservadas, elitizadas e/ou recortadas por nichos específicos, como aquelas dedicadas a grupos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), amantes de cães ou gatos, afrodescendentes, orientais, etc.

4.3 O que o Facebook torna obsoleto?

O FB torna obsoleto os meios que se destinavam à interação social e à comunicação, sejam aqueles mais antigos, como as cartas, que podiam ser lidas por toda uma família, por exemplo, sejam aqueles mais modernos, já dentro da cultura digital, como *chats*, *blogs* e correio eletrônico. Dentro desta perspectiva, um dos efeitos do FB na cultura seria tornar obsoletas formas de comunicação mediadas tecnologicamente que, ainda há pouco, se apresentavam como um conjunto de práticas inovadoras e promissoras, mas que agora começam a se deslocar para o reino do passado recente da cultura digital.

Torna obsoleta, ainda, práticas de consumo de notícias através da busca de jornais ou revistas – assim como suas versões *online* – uma vez que agora sabe-se que cerca de 50% do acesso às notícias de *sites* de jornais e revistas vêm de *links* postados diretamente no FB (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2013).

4.4 O que o Facebook recupera?

Recupera a ideia de cidadezinha do interior, onde todos se conhecem, se relacionam proximamente e sabem uns da vida dos outros, expondo muitas vezes sem as mediações possíveis em conversas presenciais, palavras, ideias, imagens, valores e gostos. Neste sentido, a fofoca, a opinião livre, o “disse me disse” e as polêmicas são bastante comuns dentro desta dimensão “cidadezinha” do FB, fazendo com que muitos usuários briguem com outros, ou, mesmo, mantenham-se afastados por um tempo da rede. Alguns chegam a se desligar definitivamente do FB, pelos desgostos ou problemas que encontraram com a circulação veloz de mensagens entre os “amigos”, bem como acontece em cidades pequenas.

Reunindo, inicialmente, amigos e parentes em redes sociais mediadas, pode-se afirmar que o FB recupera, ainda, as antigas rodas de conversas grupais, comunitárias e familiares. Assim, pode-se dizer que um dos efeitos do FB na cultura é recuperar modos de interação social entre pares. Isso afirma a dimensão original do FB de ser entendido como um *site* de redes sociais.

5 Conclusões

A proposta deste artigo foi apresentar os primeiros passos de um procedimento investigativo para o estudo das tecnologias e seus efeitos, antes que estes tenham se apresentado de modo claro e pleno o que, muitas vezes, demanda uma passagem de tempo muito longa.

O procedimento “metodológico” que aqui se desenha deve ser entendido como fortemente inspirado pela proposta de uma *nova ciência*, tal como aventada por McLuhan com as suas *leis dos meios*. Esta *ciência* se fundamenta na ideia-chave de que objetos e campos de conhecimentos separados epistemologicamente devam se aproximar, a partir do reconhecimento de uma natureza comum, que é a sua dimensão verbal, ou metafórica.

Todo constructo ou artefato deve ser tomado como um meio que traduz experiências de um grupo para outro. Contudo, aposta-se que o conjunto de questões que fundamentam as leis dos meios – sintetizadas nas tétrades – deve ser uma parte complementar da investigação sobre uma determinada tecnologia e seus efeitos.

Assim, o procedimento exploratório em questão propõe que um primeiro movimento investigativo deve dar conta do maior conjunto possível de variáveis que definam as características e, principalmente, a lógica de funcionamento da tecnologia a ser estudada. Foi o que se propôs aqui quando foram apresentados diversos pontos que ancoram a dinâmica de distribuição de mensagens do FB, dentro da ideia de entrega orgânica das mensagens. Aposta-se que com a emergência de *approaches* investigativos que considerem perspectivas como *big data* e *open data*, haverá cada vez mais, a necessidade de incluir conhecimentos matemáticos e estatísticos nesta etapa da investigação.

Em um segundo momento do percurso investigativo, recorre-se às *tétrades* como uma espécie de exploração mais aberta, intuitiva e estética, que tem como intenção principal explorar possíveis desdobramentos e efeitos das tecnologias. Esta etapa deve ser entendida como aquela em que, de algum modo, considerando os aspectos objetivos e, em parte quantificáveis e mensuráveis da primeira etapa, propõe-se reflexões e intuições não necessariamente objetivas, mas que, por sua vez, poderão ajudar a revelar movimentos futuros de uma dada tecnologia.

Assim, os “resultados” que as tétrades apresentam, obviamente, irão variar bastante, de acordo com o pesquisador ou grupo de pesquisadores que conduza a investigação. E é neste ponto que o procedimento proposto se aproxima do trabalho de Paul Feyerabend, com o seu *Contra o método* (FEYERABEND, 2011).

O que pode ser obtido nesta fase da exploração deve ser tomado como um conjunto de *produções intuitivas* que poderão ser usadas como panoramas, ambiências, caminhos a serem trilhados, em novas etapas de estudos acerca da tecnologia em questão. Ou seja, propõe-se que as tétrades sejam parte da investigação acerca das tecnologias e seus efeitos, e que os achados que através delas se produzam possam ser novos caminhos a serem explo-

rados para que, em um momento futuro, novas rodadas de tétrades possam ser “aplicadas”, em um jogo sucessivo de ajustes entre o que se pode intuir e apreender sobre a tecnologia de modo objetivo e aquilo que se pode aprender de modo especulativo e intuitivo.

Aposta-se que o procedimento “metodológico” em questão atualiza a proposição de uma *nova ciência*, tal como intuída por McLuhan, suspendendo possíveis antinomias que ainda vigoram entre distintos campos de conhecimento na contemporaneidade como, por exemplo, ciência e artes, entre senso comum e filosofia, pensamento racional e mágico, dentre outras.

Tomando o Facebook como tecnologia na qual se “aplicou” o método exploratório ora proposto, pode-se chegar a algumas conclusões. Em relação a primeira parte do percurso investigativo, que busca informações mais objetivas e quantificáveis sobre o objeto, pode-se observar parte do conjunto de variáveis que determina a dinâmica e lógica de entrega de mensagens do FB.

O conjunto parcial de variáveis minimamente avaliadas permitiu revelar um aspecto ainda pouco conhecido do grande público de mais de um bilhão de usuários do *site* de redes sociais em todo o mundo. Revelar como o fluxo narrativo do FB é condicionado, longe de se constituir uma rede comunicativa livre, acentrada e inclusiva, como com frequência os *sites* de redes sociais foram e ainda são vistos na sua ainda recente história, pelo senso comum e por alguns setores da mídia. Isso chama atenção para o fato de que ainda se publica e se fala muito pouco acerca dos cerceamentos e constrangimentos que este *site* impõe aos seus usuários, tanto no que toca à dinâmica de entrega das mensagens, quanto acerca de como os dados dos usuários são comercializados e negociados junto a outras empresas.

Objetivamente, o que esta etapa da pesquisa permite compreender é como é complexa, automatizada e ainda obscura a dinâmica de comunicação que envolve mais de um bilhão de pessoas, quando se relacionam através do *site* de redes sociais mais famoso no mundo. Uma dinâmica que não pode ser estudada e compreendida em toda a sua extensão sem ferramentas e conhecimentos capazes de lidar com enormes volumes de dados. Ainda assim, tais dados precisariam ser livres e conceder acesso a todos, o que parece hoje uma exigência impossível de ser atendida.

No que toca a segunda parte da pesquisa, aquela que foi conduzida a partir das tétrades e que buscou explorar alguns dos possíveis efeitos do FB na cultura contemporânea, pôde-se observar que as transformações que o *site* de redes sociais promove operam mais co-

mo moduladoras de alguns traços da cultura digital – intensificando-os ou enfraquecendo-os – do que afetando-os de modo mais radical.

A partir das tétrades, revelou-se que o FB promoveu, como principais efeitos nas sociedades, operações que por vezes podem soar como contraditórias, tais como a potencialização das interações sociais e a possível reversão, em um futuro próximo, da ideia de redes sociais restritas em redes gigantescas, sinônimo da própria *internet*.

Por outro lado, o FB promove a obsolescência de formas de comunicação mediadas tecnologicamente que, ainda pouco faziam sucesso, como os *chats*, *blogs* e os correios eletrônicos. Recupera, por outro lado, dinâmicas sociais e comunicacionais típicas de cidadezinhas, como a fofoca, mas, também, a conversa entre amigos e parentes que, por vezes, estão há muito tempo separados.

Como salientado aqui, todos esses possíveis efeitos se revelam principalmente, como algumas trilhas investigativas a serem percorridas, do que propriamente em respostas rígidas e fechadas acerca dos efeitos do FB na cultura contemporânea.

O mais importante em todo o exercício apresentado aqui é a elaboração de um procedimento exploratório que tente, por um lado, dar conta de possíveis efeitos das tecnologias sobre as sociedades, antes que estes estejam plenamente estabelecidos e realizados. Por outro, a tentativa de aproximação de campos e áreas de conhecimento que, obedecendo a demarcações epistemológicas mais rígidas, ainda se mantêm distantes.

A aposta que aqui se faz, por fim, é que frente à complexidade das tecnologias e dos tempos atuais, compreensões amplas e profundas sobre o que está em jogo – no que toca às naturezas das tecnologias, suas dinâmicas e efeitos – não emergirão sem uma *nova ciência*. Este texto pretende colaborar, como uma pequena peça, nessa empreitada.

Referências

AGUILHAR, L.. Facebook deleta páginas da oposição na Síria. **Estadão**, São Paulo, 5 fev. 2014. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/facebook-deleta-paginas-de-opositores-do-regime-sirio/>>. Acesso em: 27 set. 2015.

NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1999. Folha Turismo, Caderno 8, p. 13.

CAMBRICOLI, F. Facebook tira do ar página de protestos contra a Copa. **Estadão**. São Paulo, 29 jan. 2014. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/facebook-tira-do-ar-pagina-de-divulgacao-de-protestos-contr-a-copa/>>. Acesso em: 09 set. 2015.

COMSCORE. [2012]. Disponível em <<http://www.comscore.com/por/Insights/Press-Releases/2012/1/Facebook-Blasts-into-Top-Position-in-Brazilian-Social-Networking-Market>>. Acesso em: 12 mar. 2014

DIÁSPORA. 2013. Disponível em: <<https://diasporabr.com.br/>>. Acesso em: 27 set. 2015.

ELLO. 2015. Disponível em: <<https://ello.co/beta-public-profiles>>. Acesso em: 15 de ago 2015

FACEBOOK. [S.l.]: c2015. Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso em: 30 set. 2015.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

KACHOLIA, V.; JI, M. News feed FYI: helping you find more news to talk about. **Newsroom**, [S.l.], Dec. 2 2013. Disponível em: <<https://newsroom.fb.com/News/768/News-Feed-FYI-Helping-You-Find-More-News-to-Talk-About>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

MCGEE, M. Edge rank is dead: Facebook's news feed algorithm now has close to 100K weight factors. **Marketing land**, [S.l.], August 16 2013. Disponível em: <<http://marketingland.com/edgerank-is-dead-facebooks-news-feed-algorithm-now-has-close-to-100k-weight-factors-55908>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

MCLUHAN, M.; MCLUHAN, E. **Laws of media: the new science**. Toronto: University of Toronto, 1988.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA: Pesquisa analisa consumo de notícias na rede social[2013]. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed770_pesquisa_analisa_consumo_de_noticias_na_rede_social>. Acesso em: 29 out. 2013.

How to anticipate a technology's effects? An exploratory model inspired by McLuhan's New Science and applied to Facebook

Abstract

The article aims to identify the main effects of social networking sites in contemporary culture, taking as its main object the Facebook. As a theoretical and methodological reference, the research adopts an exploratory proposition strongly inspired by a New Science as suggested by McLuhan. It implies the Laws of media, synthesized in the Tetrads (McLuhan McLuhan, 1988). As a result, the study proposes a set of Facebook effects in contemporary culture identified and mapped as new points and questions for future research. The study also presents a method of research which proposes an open dialogue with related disciplines to the field of communication. Moreover, the methodological approach adopted reveals itself as flexible and

capable of dealing with depth descriptions of an object, accommodating chance and deviations - different from an orthodox methodological approach - as advocated by Feyerabend. Finally, the study recovers an important part of the work of McLuhan, yet little explored in the Brazilian Communication studies.

Keywords

New science. Laws of media. Tetrads. Facebook.

Recebido em 15/09/2015

Aceito em 02/12/2015

Copyright (c) 2015 Vinicius Andrade Pereira. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

